

A psicose na cultura: estigma e exclusão social na experiência psicótica a partir da clínica psicanalítica

Psychosis in Culture: Stigma and Social Exclusion in the Psychotic Experience from a Psychoanalytic Clinical Perspective

TIAGO HENRIQUE VIEIRA

RESUMO:

A exclusão social escancara a dimensão cultural do sofrimento psíquico, revelando que a clínica é indissociável da cultura e da linguagem. Sob a lógica neoliberal, o desvio da norma de mercado promove estigmas que equivalem à aniquilação social. Este artigo analisa os fenômenos de estigma e exclusão social na experiência psicótica, investigando como diferentes culturas operam na manifestação de experiências da estrutura da psicose. Contrasta-se a hegemonia etnocêntrica da psiquiatria ocidental, que reduz o sujeito ao rótulo diagnóstico, com dados etnográficos de sociedades não ocidentais, onde a psicose encontra estabilizações menos segregatórias. Conclui-se que a direção do tratamento na psicose deve sustentar um espaço de escuta que acolha a diferença radical, permitindo ao sujeito modular seu próprio sintoma e construir uma metáfora delirante que viabilize sua articulação possível ao laço social.

PALAVRAS-CHAVE: psicose — cultura — exclusão — estigma.

ABSTRACT:

Social exclusion exposes the cultural dimension of psychic suffering, revealing that clinical practice is inseparable from culture and language. Under neoliberal logic, deviation from the market norm promotes stigmas that amount to social annihilation. This article analyzes the phenomena of stigma and social exclusion in the psychotic experience, investigating how different cultures operate in the manifestation of experiences within the structure of psychosis. It contrasts the ethnocentric hegemony of Western psychiatry, which reduces the subject to a diagnostic label, with ethnographic data from non-Western societies, where psychosis finds less segregative stabilizations. It concludes that the direction of treatment in psychosis must sustain a listening space that welcomes radical difference, allowing the subject to modulate their own symptom and construct a delusional metaphor that enables their possible articulation to the social bond.

KEYWORDS: psychosis — culture — exclusion — stigma.

A exclusão social é um descompromisso político com o sofrimento do outro¹ e abster-se do aspecto político do homem conduz a catástrofes.² Não podemos separar a clínica da cultura, o acesso a qualquer experiência é sempre mediado pela linguagem e pela cultura. A cultura e a linguagem

¹ Sawaia, B. (2014). *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Rio de Janeiro: Editora Vozes.

² Tosquelles, F. (2024). *Uma política da loucura e outros textos*. São Paulo: Ubu Editora.

fundamentam a experiência humana, ao ponto que a cultura pode muitas vezes reduzir-se à linguagem³ ou a linguagem pode localizar-se como um produto da cultura.⁴

A cultura é um sistema de padrões socialmente transmitidos que influenciam diretamente os modos de organização político-econômica. Analisar a cultura é um ato de estudar um código partilhado pelos membros da mesma comunidade. Segundo Laraia, a cultura para Lévi-Strauss é um sistema simbólico, produto da criação acumulativa da humanidade, ele considera que a cultura surgiu no momento do estabelecimento da primeira regra.⁵ Para Freud, a cultura caracteriza a soma total das realizações e dispositivos que servem a dois objetivos: a proteção dos seres humanos contra a natureza e a regulamentação das relações entre os seres humanos, a cultura seria construída essencialmente sobre a renúncia pulsional.⁶ Já haviam no autor, elaborações importantes sobre o direcionamento de uma parte considerável dos esforços da psicanálise para a análise das motivações sociais e culturais, essa posição implica em uma psicanálise para além dos confins da clínica e leva a psicanálise em direção à cultura. Para Adorno,⁷ o Supereu coloca diante do indivíduo o que é proscrito socialmente como o mal em si e mescla duas modalidades de medos: em uma dimensão arcaica há o medo da aniquilação física e em uma dimensão posterior há o medo de não pertencer ao conjunto social. Passar do medo arcaico da aniquilação para o medo do não pertencimento ao conjunto social demarca o processo de desenvolvimento cultural das massas.

Não se comportar segundo as regras econômicas é tomado como um desvio da norma, o neoliberalismo é um expoente dessa lógica segregatória. No neoliberalismo, o indivíduo deve constantemente aprimorar-se para acumular valor de mercado.⁸ Para Adorno,⁹ ao longo do desenvolvimento da cultura, o medo da aniquilação social alcança o mesmo status do medo da aniquilação física, há uma equivalência entre a aniquilação de corpos e a aniquilação do pertencimento ao conjunto social, Sawaia¹⁰ afirma que o descrédito atormenta os excluídos tanto quanto a fome e que o corpo é representado de forma negativa quando se encontra na impossibilidade de se representar como capital.

O termo estigma encontra seu significado em um signo corporal feito a partir de cortes ou queimaduras, marcação que era realizada em escravos e criminosos, trata-se de um signo ligado ao estatuto moral, demarcando que ali tratava-se de alguém que deveria ser evitado pela sociedade, o estigma não se apresenta como um único traço, há uma tendência a inferir toda uma cadeia de

³ Lacan, J. (1998). *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar. p.499.

⁴ Laraia, R. (1986). *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar.

⁵ Ibidem.

⁶ Freud, S. (2024). *Cultura, sociedade e religião: O mal-estar na cultura e outros escritos*. Belo Horizonte: Autêntica.

⁷ Adorno, T. W. (2015). *Ensaio sobre psicologia social e psicanálise*. São Paulo: Editora Unesp.

⁸ Safatle, V., Silva Junior, N. da, & Dunker, C. (Orgs.). (2023a). *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Belo Horizonte: Autêntica.

⁹ Adorno, T. W. Op. cit. p.77-78.

¹⁰ Sawaia, B. Op. cit. p.10.

características a partir do estigma inicial, o estigma produz uma verdadeira exclusão cultural do sujeito marcado.¹¹

A cultura é um dos pontos cruciais na análise dos fenômenos de exclusão e inscrição social da psicose, pois tudo que o homem realiza, ele aprendeu com os seus semelhantes.¹² O antropólogo Laraia (1986), afirma que é pela via da cultura que se fundamenta o processo de depreciação em relação aos comportamentos que fogem da norma aceita pela sociedade, pois a norma é estabelecida culturalmente. O autor atribui a regularidade de determinados comportamentos em sociedade como a base de um ato fundamental: a previsão do comportamento do outro, esse ato permite ao membro de uma sociedade saber como agir em determinadas situações e conseqüentemente poder prever a ação dos outros membros dessa sociedade. Tal concepção é localizada como um dos fundamentos dos processos de estigmatização e exclusão social a partir do momento que um membro da sociedade suspeita não poder prever o comportamento do outro. O outro recebe uma marca depreciativa: um estigma, a marca que isola, confinando o sujeito a uma posição marginal que resultará na exclusão social, o estigma torna-se uma ilha no horizonte onde determinados comportamentos são projetados sobre o sujeito.

A partir das pesquisas de Fanon¹³ no Norte da África, encontramos uma modalidade da relação entre cultura e psicose, como no caso dos magrebinos que atribuem os fenômenos da psicose aos gênios, acredita-se que o sujeito é uma vítima dos gênios, dessa forma, o crédito social do sujeito acometido mantém-se de alguma forma, mas ele entra no laço social como uma vítima. Para os magrebinos no Norte da África, há uma separação entre a pessoa e o fenômeno, o sujeito nunca será responsável socialmente por suas atitudes, ele permanece excluído de responsabilidades. A atitude do magrebino perante a psicose é a de lamento pela pessoa acometida por forças malignas, preserva-se a estima pelo sujeito, mas há uma exclusão onde o sujeito não goza plenamente de seus direitos, ele é apenas um veículo dos gênios.

A diversidade cultural permite múltiplas inscrições sociais de um mesmo fenômeno, como no caso da esquizofrenia que apresenta diferentes manifestações de acordo com a cultura do sujeito.¹⁴ Há uma leitura comum dos fenômenos relacionados à clínica das psicoses em nosso tempo: uma leitura psiquiátrica baseada nos manuais diagnósticos e estatísticos, a leitura da psiquiatria americana influencia como determinado fenômeno pode ser inscrito socialmente. Compreende-se a hegemonia da leitura americana com seus manuais diagnósticos como uma expressão do etnocentrismo, na sociedade americana as vivências relacionadas ao campo das psicoses são frequentemente nomeadas

¹¹ Goffman, E. (1982). *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar.

¹² Laraia, R. (1986). *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar.

¹³ Fanon, F. (2020). *Alienação e liberdade: escritos psiquiátricos*. São Paulo: Ubu Editora.

¹⁴ Luhrmann, T. M., & Marrow, J. (Eds.). (2016). *Our most troubling madness: case studies in schizophrenia across cultures*. Califórnia: University of California Press.

como esquizofrenia e fenômenos como o estigma associado ao diagnóstico da esquizofrenia são frequentemente descritos.¹⁵

A literatura do campo da etnografia aponta que pessoas com esquizofrenia possuem uma menor relação com o sofrimento quando estão fora do ocidente, a alucinação é socialmente aceita com maior facilidade fora do ocidente, uma pessoa com esquizofrenia na África rural possui uma relação menos estigmatizada com o laço social do que uma pessoa com esquizofrenia em Londres, na área rural da África a comunidade conheceria a pessoa com esquizofrenia e não somente o rótulo diagnóstico da esquizofrenia. O campo da etnografia aponta que psicóticos se estabilizam com maior facilidade na Índia. Há alguns fatores apontados como contribuintes para esse efeito: a família permanece envolvida com o sujeito, mesmo diante de seus tratamentos e de sua condição, o sujeito não precisa produzir a partir do trabalho para ser considerado um valioso membro da família e as alucinações assemelham-se frequentemente com a prática religiosa do indivíduo. Na Índia, os diagnósticos psiquiátricos não são enfatizados como rótulos, há atenção a uma experiência singular de sofrimento em cada indivíduo. Logo, a psicose na Índia não é estigmatizada na mesma potência do ocidente.¹⁶

Não existe sociedade que não se fundamente em um complexo processo de gestão de patologias, mas nem todo sofrimento é traduzível na forma de patologia. Ao ser traduzido em patologia, o sofrimento é transformado em uma modalidade de partilha de identidades, um dos aspectos do processo de socialização formaliza-se no modo como um sujeito inscreve seu sofrimento em quadros clínicos socialmente reconhecidos.¹⁷

Em todas as sociedades há sempre uma categoria de sujeitos que são postos à parte, como para os australianos onde existem os *bengwar* (pessoas que não agem como as demais). As civilizações definem-se não só por aquilo que aceitam e acolhem, mas também por aquilo que rejeitam e interditam, não há cultura sem divisão. Quando a inclusão substitui a exclusão, são novos mecanismos mais complexos que aparecem, a inclusão não se trata apenas do fim da exclusão.¹⁸

Há uma impossibilidade em uma clínica sem cultura. Uma clínica psicanalítica das psicoses deve direcionar seu olhar para os fenômenos culturais que acompanham o indivíduo. O processo de desenvolvimento cultural das massas e o próprio processo de desenvolvimento do indivíduo caminham lado a lado.¹⁹

É necessário analisar o que faz laço na psicose a partir da cultura, no caminho ao consultório o indivíduo entra em contato com a *pólis*, preenchida por estigmas e marcada pelas vias da exclusão, sabe-se do estigma que acompanha determinados diagnósticos, como no caso do estigma a pacientes

¹⁵ Brewis, A., & Wutich, A. (2019). *Lazy, crazy, and disgusting: Stigma and the undoing of global health*. Baltimore: Johns Hopkins University Press. p.23-24.

¹⁶ Luhmann, T. M., & Marrow, J. (Eds.). (2016). *Our most troubling madness: case studies in schizophrenia across cultures*. Califórnia: University of California Press.

¹⁷ Safatle, V., Silva Junior, N. da, & Dunker, C. (Orgs.). (2023b). *Patologias do social*. Belo Horizonte: Autêntica.

¹⁸ Foucault, M. (2024). *Loucura, linguagem, literatura*. São Paulo: Ubu Editora.

¹⁹ Freud, S. (2024). *Cultura, sociedade e religião: O mal-estar na cultura e outros escritos*. Belo Horizonte: Autêntica.

diagnosticados com esquizofrenia nos Estados Unidos,²⁰ no Brasil,²¹ na Índia²² e no Norte da África,²³ diferentes sociedades apresentam os mesmos fenômenos.

Quando falamos da inclusão na clínica das psicoses, trata-se da inclusão da diferença radical no seio da sociedade. Mas deve-se ter cautela na incursão ao laço social, deve-se respeitar a singularidade do indivíduo, devendo-se evitar seguir os ideais de produtividade do discurso capitalista. Se o *furor sanandi* (furor de cura) é um elemento que deve ser evitado, o *furor includenti* (furor de inclusão) deve entrar na mesma lógica, devemos nos precaver contra o desejo de inclusão do psicótico na sociedade, isto é, não devemos exigir a todo custo o que é valor fálico em nossa sociedade, como dinheiro, trabalho e sucesso. É necessário deixar o psicótico fazer sintoma sem Nome-do-Pai, um sintoma que pode ir do delírio à alucinação, da escrita à arte, um sintoma que vá em qualquer direção que o sujeito estabeleça para si.²⁴

O estigma associado às psicoses não apenas exclui os indivíduos do convívio social, mas também reforça uma visão normativa e restritiva da sociedade, na qual apenas aqueles que atendem às normas sociais são considerados dignos de inclusão.²⁵ Essa exclusão tem consequências profundas para o indivíduo e para a sociedade. Para o sujeito estigmatizado, a exclusão pode levar ao agravamento do sofrimento psíquico, uma vez que a falta de suporte social e a marginalização intensificam esse sofrimento. Para a sociedade, a manutenção de estigmas relacionados às psicoses significa a perpetuação de uma estrutura social que não valoriza a diversidade e a inclusão, limitando as possibilidades de convivência coletiva.

A constituição de uma metáfora delirante que sustente o indivíduo em uma abordagem ao laço social é fundamental na direção de um tratamento possível na clínica psicanalítica das psicoses. Quando abordamos o laço social nos deparamos com fenômenos como o estigma e a exclusão social que prejudicam a incursão ao laço no caso de indivíduos que possuem seus sintomas inscritos socialmente a partir de determinadas categorias clínicas. É fundamental analisarmos os fenômenos culturais de estigma e exclusão social no indivíduo da estrutura psicótica, pois vivemos sob a influência de muitos mecanismos de exclusão que não conhecemos.²⁶

²⁰ Brewis, A., & Wutich, A. (2019). *Lazy, crazy, and disgusting: stigma and the undoing of global health*. Baltimore: Johns Hopkins University Press.

²¹ Gadelha, A; Nardi, A. E; Silva, A. G. (2020). *Esquizofrenia: teoria e clínica*. Porto Alegre: Artmed.

²² Luhmann, T. M., & Marrow, J. (Eds.). (2016). *Our most troubling madness: case studies in schizophrenia across cultures*. Califórnia: University of California Press.

²³ Fanon, F. (2020). *Alienação e liberdade: escritos psiquiátricos*. São Paulo: Ubu Editora.

²⁴ Quinet, A. (2023). *Psicose e laço social: esquizofrenia e paranoia na cidade dos discursos*. Rio de Janeiro: Atos e Divãs Edições. p.64-67.

²⁵ Fanon, F. Op. cit. p.40-56.

²⁶ Foucault, M. (2024). *Loucura, linguagem, literatura*. São Paulo: Ubu Editora.

BIBLIOGRAFIA:

1. Adorno, T. W. (2015). *Ensaio sobre psicologia social e psicanálise*. São Paulo: Editora Unesp.
2. Brewis, A., & Wutich, A. (2019). *Lazy, crazy, and disgusting: stigma and the undoing of global health*. Baltimore: Johns Hopkins University Press.
3. Fanon, F. (2020). *Alienação e liberdade: escritos psiquiátricos*. São Paulo: Ubu Editora.
4. Foucault, M. (2024). *Loucura, linguagem, literatura*. São Paulo: Ubu Editora.
5. Freud, S. (2024). *Cultura, sociedade e religião: O mal-estar na cultura e outros escritos*. Belo Horizonte: Autêntica.
6. Gadelha, A; Nardi, A. E; Silva, A. G. (2020). *Esquizofrenia: teoria e clínica*. Porto Alegre: Artmed.
7. Goffman, E. (1982). *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar.
8. Lacan, J. (1998). *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar.
9. Laraia, R. de B. (1986). *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar.
10. Luhmann, T. M., & Marrow, J. (Eds.). (2016). *Our most troubling madness: case studies in schizophrenia across cultures*. Califórnia: University of California Press.
11. Quinet, A. (2023). *Psicose e laço social: esquizofrenia e paranoia na cidade dos discursos*. Rio de Janeiro: Atos e Divãs Edições.
12. Safatle, V., Silva Junior, N. da, & Dunker, C. (Orgs.). (2023a). *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Belo Horizonte: Autêntica.
13. Safatle, V., Silva Junior, N. da, & Dunker, C. (Orgs.). (2023b). *Patologias do social*. Belo Horizonte: Autêntica.
14. Sawaia, B. (Org.). (2014). *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Rio de Janeiro: Editora Vozes.
15. Tosquelles, F. (2024). *Uma política da loucura e outros textos*. São Paulo: Ubu Editora.

TIAGO HENRIQUE VIEIRA

Psicanalista, psicólogo e sociólogo. Sócio de APOLa São Paulo.

E-mail: tiagovieirapsi@gmail.com